

De uns tempos para cá

13/08/2007

Cláudio Ferreira*

Apenas um quarto de rotação para direita. Sentado na poltrona, café na mão e um dia todo de notícias vindo a partir daí. Assim fazia meu pai. Acordava, girava o botão do rádio e usava boa parte do dia ouvindo o mundo girar através do aparelho da sala.

E eu, de tanto ouvir notícia, pensei que um dia poderia eu mesmo fazê-la. E por que não? Não havia nada demais no sonho de ser jornalista. As intempéries surgiam quando o desejo se tornava realidade.

Ora, um jornalista deve estar atento a tudo o que acontece, deve ser capaz de discutir o mundo e explaná-lo de maneira coerente sem aparentar ser, digamos, cabeça-dura e falar da forma mais respeitosa e impessoal possível. Essas e outras qualidades poderiam muito bem ser aplicadas à minha ética jornalística, mas também ao meu pai. Afinal, perceber o mundo e discerni-lo deveria ser o papel de todos, ou não?

Mas, sendo assim, o que me faz poder ser chamado de jornalista enquanto a outros não cabe o mesmo? O modo de escrita, o estilo eloqüente, a identificação com o chamado receptor da notícia? Só que, para mim, meu pai era um hermes-jornalista, transcendendo qualquer mácula terrena. E não pensem que isso tudo é pura nostalgia. Possuo meus deuses do jornalismo que nem sempre habitam o mesmo Olimpo dos meus colegas de profissão. Se fulano é bom para mim, meu editor-chefe pode achá-lo, no mínimo, gonzo. Estilo e construção de texto não passam, portanto, de puro gosto e identificação, e isso os liberta de qualquer paradigma.

Com toda essa reflexão, me pego a pensar o porquê de eu estar aqui antenado ao universo, filtrando-o, mastigando-o, digerindo-o e regurgitando-o para que o mundo me ouça sob a alcunha de jornalista enquanto outros, inclusive meu pai, para a maioria, não passava de um falador.

O que é um jornalista afinal? Criador ou espelho do mundo? Voz ou anti-voz do povo? Quando eu sonhava em ser jornalista, só pensava em ser como meu pai. Agora que tudo é realidade, o que mais quero é voltar a ser criança, deixando de ser construtor de notícia para ser apenas seu simples condômino.

O futuro admoesta-me. Ou será que eu deveria dizer perturba-me? Foi-se o tempo em que jornalismo era algo estritamente normativo. Se tudo posso, *fi-lo porque qui-lo*, reza lenda.

Mas até que o futuro chegue, vou seguindo no que posso com algumas velhas tradições de família. Hoje vou sair do trabalho, chegar em casa e ligar a tevê quatro canais à direita, sentado na poltrona, café na mão, ouvindo o mundo girar.

* **Cláudio Ferreira** é aluno do Curso de Comunicação Social da UFPB, habilitação em Jornalismo. A crônica acima foi produzido para a disciplina Linguagens de Jornalismo, ministrada pelo professor Marcos Nicolau.